

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-150207-1215>

DIALOGISMO E ANÁLISE DO DISCURSO – ALGUNS EFEITOS DO PENSAMENTO BAKHTINIANO NOS ESTUDOS DO DISCURSO

Nelson Barros da Costa*
Universidade Federal do Ceará
Centro de Humanidades
Departamento de Letras Vernáculas
Fortaleza, CE, Brasil

***Resumo:** Este ensaio discute efeitos do dialogismo nos modernos estudos do discurso. Procura mostrar que ele repercute desestabilizando conceitos que habitavam a linguística de modo naturalizado. Inicia com a questão da autoria, argumentando que o dialogismo põe em xeque noções como originalidade, genialidade e criação, estreitamente ligadas ao autor. Procura demonstrar que também a noção de texto sofre forte descentramento. O princípio dialógico apaga as fronteiras do texto como totalidade fechada, problematizando sua visão esquemática. Sendo elo na cadeia comunicativa, o objeto texto é, no fundo, uma abstração, recorte do real. Postula-se ainda que a noção bakhtiniana de gênero opera uma revolução copernicana nos estudos discursivos relativizando hipóteses sobre os enunciados, mesmo sobre sua constituição gramatical, retirando-os de um horizonte tópico e único. Finalmente, mostra que do dialogismo deriva uma diversidade de conceitos que se tornaram lugares comuns (heterogeneidade, intertextualidade, polifonia, etc.) e transformaram o panorama dos estudos da discursividade.*

***Palavras-chave:** Dialogismo. Estudos do discurso. Gênero. Polifonia.*

1 INTRODUÇÃO

Este ensaio¹, como indica o título, discorre sobre alguns efeitos do pensamento bakhtiniano sobre os estudos do discurso e toma, para efeito de recorte, os conceitos de gênero, polifonia e dialogismo. Com exceção de polifonia, não explicitaremos senão indiretamente a definição de tais conceitos, tomando-os como já conhecidos e remetendo o leitor não apenas para as obras-fonte (BAKHTIN, 1993a, 1993b, 1997a, 1997b; e BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1988), como também para os glossários e obras de especialistas e biógrafos do autor russo, como Brait (1997, 2005, 2006), Faraco (et alii, 1996; 2003), Emerson (2003) e Brandist (2012).

* Professor Associado IV – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Doutor em Linguística Aplicada – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Email: costanels@gmail.com / nelson@ufc.br.

¹ Agradecemos a colaboração técnica do músico Nélio Costa.

2 DIALOGISMO E A COMUNICAÇÃO DE E COM AS MASSAS

Em primeiro lugar, é importante lembrar que a ideia do princípio dialógico surge num momento histórico em que a comunicação, no sentido estrito, começa a se acirrar em proporções nunca vistas na humanidade, qual seja, o da primeira metade do século XX. Sabe-se que 1920² é tido como o início da radiodifusão comercial, com a fundação, pela Westinghouse Corporation, da estação de rádio KDKA, em Pittsburgh, Pensilvânia. O inventor da televisão foi Vladimir Zworykin, aliás um russo que estudou Engenharia Eletrotécnica em 1912, no Instituto de Tecnologia de São Petersburgo, onde teve a possibilidade de trabalhar nos estudos de projeção de imagens à distância e que depois migrou para os Estados Unidos onde trabalhou na mesma referida empresa norte-americana (CAMPOS, 2015). É, portanto, o momento do desenvolvimento dos sistemas eletrônicos de telecomunicação que vão dar origem, em boa parte do mundo, aos meios de comunicação de massa e que desembocarão na extrema comunicabilidade dos dias de hoje, com a Internet, seus chats, *sites*, aplicativos e redes sociais.

Mas cabe lembrar também o contexto do embate político que se trava na juventude de Mikhail Bakhtin e seus colegas de círculo: os revolucionários que derrubaram o poder czarista russo puseram fim ao regime semifeudal vigente e fundaram a primeira tentativa de implantação de um regime socialista de inspiração marxista no planeta. Esses revolucionários travavam intensa polêmica entre si e tinham uma consciência clara da importância da comunicação com as massas tanto no fomento da atividade revolucionária como para a implantação e consolidação do regime. O próprio Vladimir Lenin, principal líder da revolução soviética, era um grande polemista e teorizou sobre o que chamou de “retórica revolucionária”³, propondo uma espécie de dimensão verbal da ação revolucionária (COSTA, 1991). Ele distingue dois atos nesse processo de comunicação com as massas: a *agitação* e a *propaganda*. A agitação, para ele, é um processo que visa, através de uma rápida análise de um determinado fato ou questão, agir sobre o lado emocional do ouvinte. Como estratégia discursiva revolucionária, ela teria como objetivo fundamental impressionar o ouvinte a fim de revoltá-lo contra a ordem constituída. Ao contrário, a propaganda visaria agir sobre o racional. De caráter mais informativo e argumentativo, o seu objetivo seria propagar as ideias revolucionárias junto às massas, tornar evidentes todas as manifestações do capitalismo, o seu conteúdo de classe, a necessidade de derrubá-lo, etc. (LENIN, 1986).

Assim, do mesmo modo que, conforme Maingueneau (1995), o formalismo linguístico seria impensável sem a apreensão de totalidade textual que o advento da escrita tornou possível, podemos arriscar que o dialogismo talvez não tivesse lugar em uma sociedade que não fosse a contemporânea, marcada que é por uma cada vez mais intensa quantidade de trocas verbais que se tornam mais rápidas e acessíveis a cada vez mais gente no planeta, seja no oriente seja no ocidente. Não que esse aumento na quantidade da comunicação tenha melhorado sua qualidade e que seja inédito, mas que tornou nítido e ao alcance da consciência científica e filosófica um fenômeno que, na verdade, tem natureza sublunar.

² Bakhtin e seu círculo começam a se reunir em 1918 e prosseguem até o ano de 1929 (BRANDIST, 2015).

³ A ideia de definir as tarefas retóricas dos revolucionários aparece pela primeira vez em Plekhanov, conforme Lenin (1986). Sobre a retórica revolucionária leninista, cf. COSTA, 1991, p. 37-44.

Paradoxalmente, a concepção da linguagem como um diálogo universal, um fluxo generalizado e inacabado de trocas verbais, como composta de signos marcados irredutivelmente pela orientação axiológica dos usuários, que respondem sempre a outros signos assim como são produzidos na expectativa de uma resposta (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1989; BAKHTIN, 1997), essa concepção surge num contexto de ruptura radical do *diálogo* entre dois mundos que se orientaram politicamente para modelos antagônicos de sociedade. Desse modo, as ideias do Círculo são praticamente produzidas sem a polêmica aberta que cerca a produção das grandes ideias: ou seja, não aconteceu o debate presencial ou mesmo sincrônico de Bakhtin e outros membros do Círculo com os grandes expoentes do estruturalismo mundial como Bloomfield, Jakobson, Chomsky, e outros seus contemporâneos. Essa polêmica acabou acontecendo na forma de diálogo internalizado, uma vez que os autores do Círculo usam quase como um método a minuciosa resenha das teses adversárias em todos os textos de exposição de suas posições teóricas, aplicando a si mesmos sua concepção de dialogismo. De qualquer maneira, essa carência de intercâmbio com o pensamento mundial acabou por fazer com que a imagem dos adversários que aparece nos textos polêmicos do Círculo tenha se tornado uma imagem fotográfica. E essa fotografia foi a do estruturalismo proposto pelo livro *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2000), livro que, como se sabe, é uma compilação de notas de aula publicadas não por Saussure mas por seus alunos, portanto, sem revisão ou autorização do autor. O mundo não pôde ver ou ler o que os dialogistas russos teriam a dizer sobre os desenvolvimentos posteriores do estruturalismo como o funcionalismo, o gerativismo, a sociolinguística e a semiótica greimasiana, dentre outros⁴.

No entanto, sabemos que as grandes ideias têm um efeito de retorno sobre o mundo que as tornou possível. O fato é que as ideias do círculo, mesmo só sendo traduzidas para as línguas mais importantes do mundo ocidental na década de 60, provocam uma verdadeira revolução não apenas nos meios científicos (incluindo aí não somente os estudos da linguagem mas a literatura e as demais ciências humanas), mas nos meios culturais do mundo inteiro. Indicaremos aqui três ideias desestabilizadas pelo dialogismo.

3 O DIALOGISMO E A CRISE DA AUTORIA

Podemos dizer que uma das fundações da modernidade burguesa, que projeta sobre o campo da produção cultural o ideário do direito à propriedade, é a noção de **autor**. Não que não houvesse a atribuição autoral nos tempos pré-capitalistas, mas é sob a égide do sistema produtivo capitalista que a autoria vai se tornar um regime, adquirindo regulamentação e fundamentação jurídica nas diversas práticas discursivas institucionalizadas no mundo ocidental. Foucault (2001, 2009) já apontara a relatividade dessa noção, seu caráter histórico e sua relação com o poder. A ideia bakhtiniana de que

⁴ É o que leva Jean Peytard (1995) a afirmar que o discurso bakhtiniano pertence a uma categoria nova: a dos “discursos adiados” (“différé”), isto é, um discurso marcado pela enorme decalagem entre seu momento de enunciação e seu momento de recepção.

as palavras são sempre já de “segunda-mão”, sempre já habitadas pelas marcas que os outros usuários nelas imprimiram, de que toda enunciação não passa, no fundo, de um rearranjo singular de palavras alheias, e também a concepção de que jamais se enuncia sozinho, que a enunciação é um processo coletivo em que no mínimo duas pessoas estão envolvidas, tratando-se sempre de uma co-enunciação, essas ideias põem em xeque noções como originalidade, genialidade e criação, estreitamente ligadas à noção de autor. Não é por acaso que, nesse momento histórico em que a sociedade avança mais e mais no processo intercomunicativo, conectando entre si mais e mais todos os indivíduos, acentua-se a crise da autoria. O fato de ser frequente nas redes sociais da Internet o aparecimento de textos literários ou não com autoria falsa (sem que isso suscite a menor desconfiança ou inquietação de milhares de internautas) pode ser um indício dessa crise, assim também como os cada vez mais frequentes casos de plágio, sejam os grandes (científicos e literários), sejam os pequenos (cópias de tarefas acadêmicas baixadas da Internet). O dialogismo bakhtiniano e sua contestação ao subjetivismo idealista que legitima a noção de autoria talvez possa ser considerado ao mesmo tempo fruto e inseminador teórico dessa crise.

É interessante observar que no próprio Círculo a autoria é um problema. Nas últimas décadas, uma grande polêmica se instaurou sobre a real autoria de algumas obras atribuídas a Bakhtin. Há sérias dúvidas sobre se livros como *Marxismo e Filosofia da Linguagem* e *O Freudismo*, dentre outros trabalhos, teriam realmente sido escritos por Bakhtin ou por outros membros do Círculo, como Volochínov e Medvedev.

A questão toda se pôs a partir de 1970.

Depois de trinta anos de silêncio, trabalhos de Bakhtin tinham sido novamente publicados na Rússia em 1963 e 1965, fazendo seu nome voltar a circular nos meios acadêmicos de sua terra natal. Nessa conjuntura, o linguista Viatcheslav V. Ivanov, sem apresentar argumentos efetivos, afirmou que o livro *Marxismo e filosofia da linguagem* tinha sido escrito por Bakhtin e não por Volochínov, atribuição de autoria que se estendeu, em seguida, a outros textos [...] e a alguns artigos também publicados sob a assinatura de Volochínov e Medvedev.

Esse fato trouxe para os estudos bakhtinianos uma generalizada confusão quanto à autoria desses textos. Até hoje, nenhum argumento convincente conseguiu resolver essa dúvida criada, ao que tudo indica, artificialmente por Ivanov. (FARACO, 2003, p. 13)

Toda essa interminável discussão gerou uma verdadeira filologia do texto bakhtiniano que vai dar suporte seja à glorificação de Bakhtin seja a sua execração (BRONKART; BOTA, 2012).

4 A NOÇÃO DE TEXTO

Outro conceito desestabilizado pelo princípio dialógico é a noção de texto. Essa noção pressupunha um espaço estabilizado e acabado da enunciação, sobre o qual se poderia debruçar e enxergar, dependendo do interesse do analista, seja o estilo individual (geralmente artístico quando se tratava de texto literário), seja as intenções do autor, os mecanismos de concatenação dos argumentos, etc. Pressupunha também um interior e um exterior, um intratextual e um extratextual, que permitia a classificação de certos mecanismos em *exofóricos* e *endofóricos*.

Nos idos da década de 70 e 80, a Linguística acreditava estar superando as limitações postas por Saussure e Chomsky, que fincavam as balizas da frase como limites do sistematizável quando se tratava de pensar a língua. A expansão desses limites parecia resolver uma série de problemas ligados à comunicação e à cognição que não se explicavam pela sintaxe frasal. A criação de uma linguística textual propõe o texto como a verdadeira unidade comunicativa e se incumbe de analisar suas propriedades (textualidade) bem como a estrutura textual e sua relação com o processamento cognitivo. Por essa perspectiva, as relações alteritárias, a chamada intertextualidade, seriam apenas um dos fatores da construção da textualidade, de natureza fortuita, acessória e a ser classificada.

O princípio dialógico, no entanto, apaga essas fronteiras confortáveis, problematiza essa visão esquemática, na medida em que postula que o supostamente externo é intrínseco ao interior. Na visão de Bakhtin/Volochínov (1988), por exemplo, um enunciado não passa de um elo da cadeia da enunciação. Sendo mesmo o enunciado produzido na situação mais aparentemente monológica (uma inscrição num monumento, ou um diário íntimo trancado a sete chaves, por exemplo) sempre um elo na cadeia dos atos de fala, o objeto texto é, no fundo, uma abstração, um recorte do real.

Aqui também há coincidência com as reflexões de Michel Foucault, que já propunha, do seu ponto de vista, a problematização dessas unidades, segundo as suas palavras, “tradicionalmente reconhecidas” e que são “as que menos facilmente são contestadas” (FOUCAULT, 1995), como *sujeito, obra, autor, disciplina*, etc. Embora não conste que o autor francês tenha lido Bakhtin ou qualquer um dos autores do Círculo, *l’air du temps* do século XX, fortemente influenciado pelas ideias bakhtinianas, certamente contribuiu para que, em sua complexa definição de enunciado, Foucault saliente como um de seus traços não ser simplesmente resultado da

utilização, por um sujeito falante, de um certo número de elementos e de regras linguísticas. De início, desde sua raiz, ele se delinea em um campo enunciativo onde tem lugar e status, que lhe apresenta relações possíveis com o passado e que lhe abre um futuro eventual. Qualquer enunciado se encontra assim especificado: não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja. [...] Não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, de uma distribuição de funções e de papéis... (FOUCAULT, 1995, p. 113-114)

Tomando um autor contemporâneo, Dominique Maingueneau, vemos essa questão da dissipação das fronteiras do texto ou enunciado ser radicalizada:

... não há, de um lado, um “texto” e, do outro, distribuído ao seu redor, um “contexto”. [...] Não se pode conceber a obra como uma organização de “conteúdos” que permitiria “exprimir” de maneira mais ou menos enviesada ideologias ou mentalidades. O “conteúdo” da obra é na verdade atravessado pela remissão a suas condições de enunciação. O contexto não é colocado no exterior da obra, numa série de camadas sucessivas; o texto é na verdade a própria gestão do seu contexto. (MAINGUENEAU, 2006, p. 44)

Mesmo se referindo ao texto literário, pensamos que o raciocínio pode ser perfeitamente aplicado aos textos em geral. É o entendimento da unidade textual a partir da metáfora do quadro, em que o contexto é uma moldura do texto, que está sendo radicalmente contestado.

5 DIALOGISMO E GÊNERO DO DISCURSO

No dialogismo, a ideia de gênero é também desconcertante. Trata-se, dentre as noções do conceituário bakhtiniano, da que mais foi deslocada do campo teórico dialógico, recebendo tratamento formalista em diversas searas acadêmicas, especialmente a americana. O conceito de gênero no dialogismo funciona como conceito-âncora que impede de pensar a linguagem como separada das atividades sociais humanas. Sem o conceito de gênero, o pensamento bakhtiniano correria o risco do *logocentrismo*, abordando a linguagem como uma esfera superestrutural separada das práticas sociais não verbais. Ao mesmo tempo em que constitui um liame entre as mais diversas formas de enunciação, a noção de gênero contribui para relativizar quaisquer análises acerca seja da produção, da circulação ou da recepção dos enunciados, seja de sua constituição gramatical ou estilística. Em termos mais simples, qualquer questionamento de qualquer fenômeno verbal (e arriscaríamos a dizer também não verbal) deve suceder ou ser simultânea à pergunta sobre em qual gênero ele está investido. Assim, a noção de gênero descentra o fenômeno comunicativo, retira-o de um horizonte tópico estável e único mas, ao mesmo tempo, lhe dá materialidade e consistência.

Para dar um exemplo extremo desse poder de relativização da noção de gênero, lembremos a famosa frase de Chomsky: “Ideias verdes incolores dormem furiosamente” (CHOMSKY, 1980, p. 14). Segundo ele, embora a frase seja possível, pois obedece às regras de gramaticalidade e lexicalidade, isto é, as palavras existem na língua e foram unidas seguindo suas regras, ela seria agramatical pois fere princípios semânticos da língua, já que as duas qualidades das “ideias” são incompatíveis entre si e com o próprio lexema “ideias”, ao mesmo tempo em que este é incompatível com o verbo “dormir” que, por sua vez, não se compatibiliza com o advérbio “furiosamente”. Porém, esse raciocínio só faz sentido se abstrairmos a realidade dos gêneros. Nos gêneros lúdicos, por exemplo, a noção de agramaticalidade não funciona, pois neles os enunciadores têm licença para operar em um registro que Maingueneau (1995) denomina “hipolinguístico”.

Nos inícios da Análise do Discurso, a noção de gênero já havia sido intuída por Pêcheux quando define formação discursiva como

aquilo que, em uma formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e o que deve ser dito* (**articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.**) (1988, p. 160; negrito nosso, itálico do autor)

No entanto, a vertente que segue as ideias de Pêcheux, até onde pudemos acompanhar, não levou o conceito às últimas consequências, quando não o ignora.

Porém, muitas outras a adotaram, promovendo revisões drásticas em seus modelos teóricos, especialmente aquelas tendências que dão ênfase à pragmática, como as de Maingueneau, Charaudeau (Semiolinguística), a escola de Genebra (Moeschler, Roulet, Auchlin), os interacionistas sociodiscursivos (Bronkard, Schnewly, Dolz), etc. O interesse aí pela noção de gênero se dá também porque, ao mesmo tempo em que ele supõe regras que determinam a organização textual e funções discursivas, em determinados tipos de discursos seu agenciamento indica a marcação de uma posição ideológica ou estética. Por outro lado, o gênero pode ser encarado como uma ferramenta cognitiva capaz de proporcionar uma economia de esforço inestimável na interação discursiva, daí seu interesse para as perspectivas voltadas para o estudo discursivo da cognição e do ensino-aprendizagem (Cf. SCHNEUWLY, 2001).

Tomando a perspectiva de Dominique Maingueneau, percebe-se que o gênero entra de três formas⁵...

- na própria natureza do discurso:

Disciplina que, em vez de proceder a uma análise linguística do texto em si ou a uma análise sociológica ou psicológica de seu 'contexto', visa a articular sua enunciação sobre um certo lugar social. Ela está, portanto, em relação com os gêneros de discurso trabalhados nos setores do espaço social (um café, uma escola, uma loja...) ou nos campos discursivos (político, científico...) (MAINGUENEAU, 2000, p. 13-14, grifos do autor).

- no conceito de cenário da enunciação: o autor concebe o gênero discursivo como constituindo uma das cenas que todo enunciado pressupõe. Se qualquer enunciado supõe a encenação de uma fala instituindo posições de fala (eu – tu) em um tempo e espaço, enunciar em um gênero supõe uma cena correspondente e simultânea a que o autor denomina “cena genérica”: “Cada gênero do discurso define seus próprios papéis: num panfleto de campanha eleitoral, trata-se de um “candidato”; numa aula, trata-se de um professor dirigindo-se a alunos etc.” (MAINGUENEAU, 2001, p. 86)

- na ideia de investimento genérico: nem sempre o gênero se impõe como modelo de enunciação atrelado a fins pragmáticos. Em discursos como o literário, o uso de um gênero define não o cumprimento de uma rotina, mas uma tomada de posição no campo discursivo: “Se o gênero não é um contexto contingente, mas um componente completo da obra, deve-se levar em conta a maneira como esse **investimento** se efetua, restabelecer a força que une um certo “conteúdo” a um certo “contexto” genérico”. (MAINGUENEAU, 1995, p. 75, grifo do autor)

⁵ Para uma análise mais detalhada deste e outros conceitos bakhtinianos na obra do autor francês, cf. Cavalcanti, 2013; Grillo e Veloso, 2007; e Costa, 2012.

6 O DIALOGISMO, POLIFONIA E CONCEITOS DERIVADOS

O dialogismo vai se traduzir em diversos conceitos dentro da Análise do Discurso. Jacqueline Authier-Revuz, por exemplo, irá propor a ideia de “heterogeneidade constitutiva” (1995), para nos falar da presença irreduzível da exterioridade do discurso no próprio discurso. Trata-se de uma heterogeneidade radical, intrínseca ao processo mesmo da discursividade e, enquanto tal, não localizável nem representável na superfície do discurso. A esta heterogeneidade **do** discurso se opõe a heterogeneidade mostrada, a representação, **no** discurso, das diferenciações, disjunções, fronteiras, através das quais o Eu do discurso se distancia dessa pluralidade, de outros aos quais ele atribui uma exterioridade, na tentativa de fazer emergir sua singularidade e unidade.

Na perspectiva teórica de Maingueneau (2008), o dialogismo vai se traduzir na sua hipótese do **primado do interdiscurso sobre o discurso**. Segundo ele, essa hipótese pode ter duas interpretações, uma fraca, outra forte. A fraca, consensual já há algum tempo na AD, indica que o estudo da especificidade de um discurso supõe analisá-lo em sua relação com outros. A hipótese forte postula, além disso, a impossibilidade de a identidade discursiva se constituir sem a alteridade, o que implica que não se deve pensar os discursos se constituindo independentemente para depois relacioná-los, mas que é a relação interdiscursiva que **estrutura** a identidade mesma de um discurso. Por esse ponto de vista, conforme o autor francês, a relação interdiscursiva tem primado sobre a relação do discurso consigo mesmo, sobre sua identidade, sendo o interdiscurso o verdadeiro objeto da Análise do Discurso.

É possível vislumbrar, portanto, na abordagem de Maingueneau, a influência da dialogicidade universal que é o ponto nodal da abordagem bakhtiniana, ainda que, conforme salientam Grillo e Veloso,

Enquanto a obra de Maingueneau visa atravessar a superfície textual para chegar ao plano do discurso ou das formações discursivas, que se constitui pela alteridade interna, ou seja, o outro já está contido no mesmo, a obra do Círculo se propõe a estudar o diálogo entre enunciados e as relações semânticas entre eles (de reflexo, de desacordo, de filiação etc.). Essas relações são, em última instância, entre indivíduos integrais. Por trás dos textos-enunciados estão sujeitos concretos, integrais, responsivos, inconclusos e inacabados, os quais só podem ser compreendidos por meio do diálogo e não explicados como na relação pessoa e objeto. (2007, p. 236-237)

Falemos agora sobre o conceito de polifonia. Nos escritos de Bakhtin (1997b), a polifonia denomina a pluralidade de vozes em equilíbrio presente na obra de alguns autores, notadamente Dostoiévski, romancista russo que viveu no século XIX. Trata-se de uma metáfora cunhada da teoria musical⁶. Em música, polifonia se opõe à organização **homofônica** das vozes melódicas.

É mais fácil entender a polifonia na música analisando o seu oposto: a homofonia musical. Vejamos a célebre canção de autoria de Saint Preux, “Concerto pour une voix” (“Concerto para uma voz”) que o leitor pode acessar no *link*

⁶ Alguns membros do Círculo, como Sollertinski e Volochínov, eram músicos.

<<https://www.youtube.com/watch?v=k8aUx3s2has>>, na voz de Mirusia Louwerse e regência de André Rieu. Na execução desta canção, a cantora desenvolve uma melodia e os demais instrumentistas da orquestra, cada um a sua. Porém, a melodia da vocalista (pensemo-la como um instrumentista como os outros) tem um estatuto principal em relação às demais melodias, que existem apenas para servir de contexto, de pano de fundo para essa melodia principal: é o que se chama de *acompanhamento* ou *base*. Nesse caso, não se trata de uma relação polifônica a que existe entre tais melodias, pois há como que uma hierarquia entre tais fios melódicos. Tomando-se um excerto da partitura original (Figura 1), isto fica claro:

Figura 1 – Excerto da partitura de “Concerto pour une voix”, de Saint Preux.

Concerto Pour Une Voix

Saint-Preux

Christian Langlade

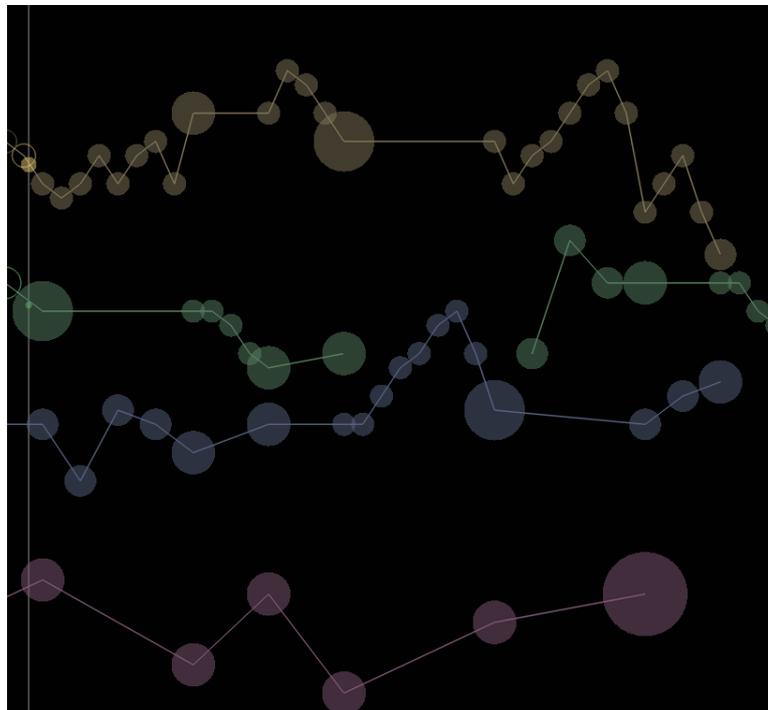
França (1950)

As “vozes” das cordas (“Cordas” 1 e 2, nos dois últimos pentagramas) compõem o pano de fundo sonoro para a Voz principal (“Voz”, no primeiro pentagrama). Observe-se que elas formam dois grupos, um grupo com dois perfis melódicos mais graves (“Cordas II”, no terceiro pentagrama) e outro com três perfis mais agudos (“Cordas I”, no segundo pentagrama), caminhando juntos, formando acordes que acompanham harmonicamente a Voz principal. Embora os perfis melódicos de cada grupo não sejam idênticos (não são *uníssonos*), cada um deles se subordina ao padrão harmônico estabelecido pelo subgrupo, pelo grupo e, por sua vez, pela melodia principal: deslocam-se em bloco, com a mesma duração e na mesma direção. Essa subordinação é marcada graficamente pela barra vertical à esquerda (mais espessa) que liga os dois pentagramas inferiores. Conforme indica o título da composição, elas concertam para (em função de) a Voz principal, constituindo o cenário musical para esta despontar. A cenografia visual da execução de Rieu e Mirusia (acessível no *link* referido acima) representa perfeitamente essa cenografia musical, com a cantora Mirusia, que

executa a Voz principal, vestida de branco e portando asas de anjo, pairando por sobre a orquestra que a acompanha mergulhada na obscuridade.

O contrário disso é a **polifonia** musical. Ela se dá quando cada instrumento melódico executa uma melodia diferente ao mesmo tempo e em consonância com o todo. Trata-se de uma invenção da Renascença, passou por várias fases e teve em Johan Sebastian Bach o seu grande mestre. Vejamos o caso da “Little fugue in G minor”, composta entre 1703 e 1707, cujo trecho reproduzimos na Figura 2, não mais em partitura, mas em *print* colorido da animação eletrônica das vozes, obtida através do aplicativo MAM Player⁷:

Figura 2 – *Print* colorido da animação eletrônica das vozes de “Little fugue in G minor”, de Johan Sebastian Bach.



Observe-se aí a ausência de hierarquia entre as quatro vozes. Dentro do quadro harmônico, cada uma goza de autonomia (de direção, de sinuosidade, de extensão, e mesmo de atuação – em um certo momento, a voz em verde – segunda voz de cima para baixo – se cala⁸), de modo que nenhuma serve de contexto para a outra, ou melhor, cada uma serve de contexto uma para as outras.

Assim como na música temos a *fuga*, um gênero de natureza essencialmente polifônica, na linguagem verbal, sob a visão bakhtiniana (BAKHTIN, 1997b), temos o romance como esse gênero. E assim como Bach foi o mestre da polifonia musical, Dostoiévski foi o mestre da polifonia verbal. Diferentemente de outros autores, que organizam na obra literária todos os pontos de vista nela expressos sob a ótica do

⁷ Esse aplicativo pode ser baixado livremente do site <<http://www.musanim.com/player/>>.

⁸ O mesmo ocorrendo com a voz em rosa, a última de cima para baixo.

narrador ou do herói, aquele autor russo distribui os diversos pontos de vista sobre o tema do romance de forma equipolente entre os personagens, não colocando o herói ou o narrador como monopolizador ou detentor do ângulo privilegiado a partir do qual é avaliado o ponto de vista dos demais personagens. No romance polifônico, os personagens se constroem não a partir da visão acabada que deles têm o autor, mas do campo de visão de seus outros; o herói não é um objeto do autor mas um sujeito, uma autoconsciência, uma alteridade que não necessariamente representa o ponto de vista do autor, mas pode também até ter uma ideia totalmente contrária à do autor. Cada personagem do romance polifônico tem a sua verdade.

Examinando tal noção em conjunto com o conceito de dialogismo, o efeito teórico que julgamos fundamental na AD está na questão da dissociação entre o mostrado e o constitutivo, distinção que mais tarde será aprofundada e ressignificada por Jacqueline Authier-Revuz (1995), cuja perspectiva já foi comentada acima. Sabe-se que ao declínio do estruturalismo, a partir da década de 1970, seguiu-se um grande esforço intelectual de reatar as disjunções operadas por essa corrente de pensamento, tais como sujeito e objeto, história e sistema, abstrato e concreto, forma e conteúdo, etc. Como vimos, o pensamento ocidental descobriu tardiamente nessa mesma década, com entusiasmo, que esse esforço já começara, desde o início do século XX, com os trabalhos do Círculo de Bakhtin, mais precisamente com o livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1988). O “princípio dialógico” efetua justamente esse acerto de contas com as dicotomias que excluíram sujeito, história e contexto social do estudo da linguagem. Inspirados pelo materialismo histórico, que postula que a abstração do real não deve passar de um momento no movimento de pensamento da apreensão desse real, os membros do Círculo vão propor que a linguagem em sua realidade empírica é constitutivamente dialógica, logo, que as disjunções operadas por Saussure (2000), por exemplo, a pretexto metodológico, são inaceitáveis.

No entanto, a grande queixa dos estudiosos, especialmente os linguistas analistas do discurso, com relação ao princípio dialógico é sua dificuldade de operacionalização analítica. Ainda que, como observa Faraco (2003), o pensamento do Círculo de Bakhtin não corresponda a uma ciência tradicional, é razoável que os cientistas reivindiquem que um sistema de pensamento tão auspicioso como o bakhtiniano contribua para resolver problemas que os paradigmas científicos não conseguem mais dar conta. E, nesse sentido, o limite principal da ideia de dialogismo é que se todo discurso e mesmo toda palavra é dialógica, o conceito perde, do ponto de vista científico, sua operacionalidade e sua eficácia. O diálogo onipresente é intangível. Resulta inútil sua identificação e classificação, uma vez que ele está em toda parte e em nenhum lugar. A ideia de polifonia, que é aparentemente uma solução para esse problema, é deslocada para um lugar de raridade, seja como arte, seja como utopia social. Como bem assinala Faraco,

Assim, a polifonia (no sentido bakhtiniano do termo) – categoria tão maltratada pelo mundo afora – é muito mais do que apenas “uma simples metáfora” (*Problemas da poética de Dostoiévski*, p. 22) que permite a Bakhtin dar visibilidade ao modo como Dostoiévski cria um “novo modelo artístico do mundo” (p. 3). No fundo, a polifonia, além de ilustrativa da filosofia do ato de Bakhtin [...], **pode ser vista também como metáfora que recobre sua**

utopia e que ele viu materializada no projeto artístico de Dostoiévski – um mundo de vozes plenivalentes em relações dialógicas infindas. Talvez, por tudo isso, **fosse mais prudente mesmo retirar o termo *polifonia* do vocabulário crítico de Bakhtin e transferi-lo para seu vocabulário utópico. Pelo menos, poderíamos destrivializar seu uso e aprender com mais nitidez as coordenadas que o sustentam.** (2003, p. 76, negrito nosso, itálico do autor)

Se Faraco está certo ao fazer coro com aqueles que pretendem uma certa ortodoxia (no sentido etimológico da palavra – “opinião correta”) e resgatar e explicitar o real sentido que o termo tem no seio da teoria bakhtiniana, não vemos problema na atitude dos linguistas analistas do discurso de adotarem um uso ampliado e neutro (e, portanto, transgressivo) do conceito de polifonia, uma vez que no âmbito do enunciado funcionam inúmeros mecanismos de circunscrição da alteridade, de uma relação complexa com alteridade que denuncia uma relação do enunciadador com a própria palavra e com a língua. O conceito de polifonia contribui ao oferecer à Análise do Discurso instrumentos para a compreensão não especulativa da discursividade. O(s) próprio(s) Bakhtin (Volochínov) (1988), embora não fale(m) em polifonia, aponta(m) para essa distinção quando, após a quase platoniana exposição de sua posição interacionista sobre a linguagem, no capítulo 9, intitulado “O discurso de outrem”, enuncia(m) que

o problema do diálogo começa a chamar cada vez mais a atenção dos linguistas e, algumas vezes, torna-se mesmo o centro das preocupações em linguística. Isso é perfeitamente compreensível, pois, como sabemos, a unidade real da língua que é realizada na fala [...] não é a enunciação monológica individual e isolada, mas a interação de pelo menos duas enunciações, isto é, o diálogo. O estudo fecundo do diálogo pressupõe, entretanto, **uma investigação mais profunda das formas usadas na citação do discurso**, uma vez que essas formas refletem tendências básicas e constantes *da recepção ativa do discurso de outrem*, e é essa recepção, afinal, que é fundamental também para o diálogo. (1988, p. 145-146; negrito nosso, itálico do autor)

Embora Bakhtin/Volochínov mencione(m) especialmente o discurso citado, não há motivo para que suas considerações não se apliquem a outras realidades da presença no discurso do discurso alheio. Conjugada com a noção de gênero, essa questão coloca desafios importantes para o analista. É interessantíssimo observar como se comportam os mecanismos de gerência da palavra alheia, através de sua diversidade de mecanismos, em gêneros diferentes situados ou não no mesmo campo discursivo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio procurou mostrar que o pensamento dialógico repercute no sentido de desestabilizar, deslocalizar e descentrar conceitos forjados pela jovem tradição científica de estudos sobre o discurso, tidos como evidentes talvez devido à própria tradição do pensamento linguístico dentro do qual ela nasceu.

Iniciamos com a questão da autoria, tentando mostrar sucintamente que as ideias bakhtinianas põem em xeque conceitos ligados à noção de autor como originalidade,

genialidade e criação. Além disso, esperamos ter logrado demonstrar que também a noção de texto sofreu um forte descentramento quando as ideias do círculo bakhtiniano foram sendo disseminadas na Europa. Conceito-chave pós-estruturalista, para o qual foi destinada uma disciplina própria (Linguística Textual), essa noção pressupunha um produto verbal estabilizado e acabado, sobre o qual se poderia debruçar e enxergar o estilo individual, as intenções do autor, os mecanismos articulatórios dos argumentos, uma tessitura de microtextos concatenados por elementos linguísticos a serem catalogados e descritos. Pressupunha também um interior e um exterior conforme, por exemplo, os conceitos de anáfora exofórica e anáfora endofórica permitem inferir. O princípio dialógico apaga essas fronteiras confortáveis, problematiza essa visão esquemática, já que postula a interioridade do que é supostamente externo. Se todo enunciado, mesmo aquele produzido na situação mais aparentemente monológica, é sempre um momento do fluxo ininterrupto da linguagem, o objeto texto é, na verdade, uma abstração, uma imagem congelada do real.

Procuramos mostrar também que a noção bakhtiniana de gênero opera igualmente uma revolução copernicana nos estudos do discurso. Ela contribui para relativizar qualquer consideração sobre os enunciados, qualquer que seja o aspecto, pragmático, semântico, gramatical ou estilístico. A partir dessa noção, qualquer questionamento sobre a realidade linguística não pode se dissociar da pergunta sobre em qual gênero ela aparece. Por fim, mostramos que o dialogismo deriva uma diversidade de conceitos e pressupostos no campo dos estudos discursivos que praticamente se tornaram lugares comuns: heterogeneidade, intertextualidade, interdiscursividade, polifonia, etc., conceitos que vão muitas vezes se redefinir e, em se redefinindo, transformaram o panorama dos estudos da discursividade. Especialmente este último, provindo da teoria musical, tem recebido desde reformulações teóricas consistentes, como é o caso das promovidas por Ducrot (1987) e Amorim (2001), até simplificações vazias que o assimilam meramente à diversidade de pontos de vista ou vozes de personagens presentes em um texto. Defendemos que, embora louvável, é desvantajoso e talvez inútil defender uma ortodoxia do conceito, uma vez que ele se apresenta em Bakhtin dentro de um quadro utópico e valorativo. Acreditamos que, apesar do risco de vulgarização do conceito, ele é de extrema importância para dar conta de uma série de fenômenos discursivos, e propor sua blindagem é pensar de modo não bakhtiniano.

Subjaz à pretensões deste ensaio o pressuposto de que a disseminação e a influência dos conceitos abordados sobre os estudos discursivos contemporâneos estão diretamente relacionadas a nosso tempo histórico e participam ativamente desse mesmo tempo na medida em que atravessam e remodelam o pensamento não apenas das ciências da linguagem, mas também de outras ciências humanas e da filosofia.

Por uma necessidade de recorte, outros conceitos bakhtinianos, como cronotopo, carnavalização e responsividade não foram abordados aqui. Além disso, outras abordagens de Análise do Discurso poderiam ter sido levadas em consideração. Essas duas tarefas, deixamos como sugestão para trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa, 2001.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Ces mots qui ne vont pas de soi (boucles réflexives et non-coïncidences du dire)*. Paris: Larousse, 1995. Tome I.
- BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC, 1993a.
- _____. *Questões de literatura e estética (a teoria do romance)*. São Paulo: Hucitec/Ed. da UNESP, 1993b.
- _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997a.
- _____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. São Paulo: Forense Universitária, 1997b.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem (problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem)*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- _____. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BRANDIST, C. *Repensando o Círculo de Bakhtin: novas perspectivas na história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2012.
- _____. The Bakhtin Circle. *Internet Encyclopaedia of Philosophy*. Disponível on line em <http://www.iep.utm.edu/bakhtin/>. Acesso em: 28 jan. 2015.
- BRONCKART, J.-P.; BOTA, C. *Bakhtin desmascarado: história de um mentiroso, de uma fraude, de um delírio coletivo*. São Paulo: Parábola, 2012.
- CAVALCANTI, J. R. A presença do conceito gêneros de discurso nas reflexões de Maingueneau. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 13, n. 2, p. 429-448, maio/ago. 2013.
- CAMPOS, S. Cronologia das Telecomunicações. Disponível on line em <<http://www.sarmento.eng.br/Telecomunicacoes.htm>>. Acesso em: 28 jan. 2015.
- COSTA, N. B. da. *A produção do discurso operário*. 1991. 134f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1991.
- _____. *Música popular, linguagem e sociedade – análise do discurso literomusical brasileiro*. Curitiba: Appris, 2012.
- CHOMSKY, N. *Estruturas sintáticas*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- DUCROT, O. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: _____. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- EMERSON, C. *Os 100 primeiros anos de Mikhail Bakhtin*. Rio de Janeiro: Difel, 2003.
- FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003.
- FARACO, C. A. et alii (Org.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Ed. UFPR, 1996.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- _____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2001.
- _____. O que é um autor? (1969) In: *Ditos e escritos III – Estética: literatura e pintura; música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- GRILLO, S. V. de C.; VELOSO, S. R. de A. Diálogos entre Maingueneau e o Círculo de Bakhtin. *Filologia e lingüística portuguesa*, São Paulo, n. 9, p. 229-251, 2007[2008].
- LENIN, V. I. Que Fazer. In *Lenin - Obras Completas I*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986.
- MAINGUENEAU, D. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- _____. *Termos-chave da Análise de Discurso*. UFMG. Belo Horizonte, 2000.
- _____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008.

- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: EDUNICAMP, 1988.
- PEYTARD, J. *Mikhail Bakhtine: dialogisme et analyse du discours*. Paris: Bertrand-Lacoste, 1995.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

Recebido em: 11/05/15. Aprovado em: 28/07/15.

Title: *Dialogism and Discourse Analysis - some effects of bakhtinian thought in the discourse studies*

Author: *Nelson Barros da Costa*

Abstract: *This essay discusses effects of dialogism in modern discourse studies. It intends to show that it affects destabilizing concepts that inhabited linguistic on naturalized mode. It begins with the question of authorship, arguing that the dialogism questions notions as originality, genius and creation, are closely linked to the author. It seeks to demonstrate that also the notion of text suffers a strong decentralization. The dialogic principle erases the boundaries of the text as closed totality, questioning its schematic view. As a communicative link in the communicative chain, the text object is basically an abstraction, a cutout of reality. It's also postulated that the Bakhtin's notion of genre operates a Copernican revolution in discourse studies relativizing assumptions about the statements, even on their grammatical constitution, removing them from a topic and single horizon. Finally, it shows that from dialogism derives a diversity of concepts that have become commonplace (heterogeneity, intertextuality, polyphony, etc.) and they transformed the landscape of discourse studies.*

Keywords: *Dialogism. Discourse studies. Genre. Polyphony.*

Título: *Dialogismo y análisis des discurso – algunos efectos del pensamiento de Bajtin en los estudios del discurso*

Autor: *Nelson Barros da Costa*

Resumen: *Este ensayo discute efectos del dialogismo en los modernos estudios del discurso. Procura mostrar que él repercute, desestabilizando conceptos que habitaban la lingüística de modo naturalizado. Inicia con la cuestión de la autoría, argumentando que el dialogismo pone en jeque nociones cómo originalidad, genialidad y creación, estrechamente ligadas al autor. Procura demostrar que también la noción de texto sufre fuerte descentramiento. El principio dialógico borra las fronteras de texto cómo totalidad cerrada, problematizando su mirada esquemática. Siendo enlace en la cadena comunicativa, el objeto texto es, al fin y al cabo, una abstracción, /recorte del real. Todavía se postula que la noción de Bajtin para género opera una revolución copernicana en los estudios discursivos, relativizando hipótesis sobre los enunciados, hasta mismo sobre su constitución gramatical, retirándolos de un horizonte tópico y único. Finalmente, muestra que del dialogismo deriva una diversidad de conceptos que se cambiaran lugares comunes (heterogeneidad, intertextualidad, polifonía, etc.) y transformaran el panorama de los estudios del discurso.*

Palabras-clave: *Dialogismo. Estudios del discurso. Género. Polifonía.*